

cescontexto

O Drama dos/as Refugiados/as na Europa

Organização
Carlos Nolasco
Elsa Lechner

Nº 18

Setembro, 2017

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Carlos Nolasco e Elsa Lechner

Introdução: o drama dos/as refugiados/as na Europa – estágio “Ciência Viva” 2

Gaia Giuliani

The Mediterranean of the refugees: For a reading of colonial implications in spatial imagination..... 8

Olga Solovova

Ideologias em marcha: fotografias a documentar a viagem de refugiados/as..... 19

Edgard Raoul Neto

Última saída..... 29

Ana Perpétuo

“Dare to Care” 48

Ângela Marques

Muros da Vergonha/Fences of Shame 54

Cristiana Antunes

Abusos de poder e quotidiano nos campos de refugiados/as 58

Rita Santos

Reflexão Pessoal 62

Pedro Costa Marques

Drama dos/as refugiados/as na Europa. Acordo entre a União Europeia e a Turquia 65

Joana Sousa Ribeiro

“O CES vai à Escola” e Refugiados/as: quando o saber ocupa lugar 69

Introdução: o drama dos/as refugiados/as na Europa – estágio “Ciência Viva”

Carlos Nolasco,¹ Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
cmsnolasco@ces.uc.pt

Elsa Lechner,² Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
elsalechner@ces.uc.pt

O drama dos/as refugiados/as na Europa tornou-se uma realidade incontornável e premente a partir dos primeiros meses do ano de 2015. Uma sucessão de acontecimentos transportou para o quotidiano europeu a contingência das vidas de milhares de pessoas em fuga, por terra e por mar, em busca de refúgio. Todas fugindo da guerra e da violência nos países de origem, da prepotência dos seus governantes, bem como da fome e da miséria. Esta realidade, pela espessura humana que comporta, passou a ser designada por “crise dos refugiados”, mas rapidamente se revelou uma crise das instituições europeias, designadamente quanto à sua incapacidade e incoerência para resolverem, política e humanitariamente, a situação.

Os factos que estão na origem destas fugas sucedem-se em permanência. Os naufrágios no Mediterrâneo multiplicam-se e o número de mortes não parece justificar uma alteração das políticas migratórias. A chegada de pessoas não cessa, os campos de refugiados/as proliferam, as vidas destes milhares de refugiados/as (mais de metade são crianças), permanecem em compasso de espera, em suspenso, entre a vertigem da viagem e a procura de asilo.³ A comunicação social, bem como as informações fornecidas por organismos governamentais e não-governamentais dão visibilidade a este drama no mundo inteiro. No entanto, as informações, imagens e discursos veiculados são, na maioria das vezes, contraditórios, enviesados por comprometimentos e interesses que não contribuem para a compreensão crítica das causas e consequências deste fenómeno.

Perante a banalização das informações e alguma distorção dos factos relativos às causas, dinâmicas e consequências da chegada de refugiados/as à Europa, o Centro de Estudos Sociais (CES) avançou com uma iniciativa de intervenção pedagógica nas escolas no âmbito

¹ Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde integra o Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz. É doutorado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Atualmente realiza pós-doutoramento na área das migrações de trabalho desportivo, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ref. SFRH/BPD/95320/2013).

² Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Doutorada em antropologia social pela École des Hautes Études en Science Social, Paris. Domínio de investigação em pesquisa biográfica no estudo das migrações, formatos colaborativos de investigação, investigação-ação junto de populações migrantes e refugiados.

³ A este propósito consultar o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados de 2016, *Global trends. Forced displacement in 2015*. Disponível em <http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>, acedido em abril 2, 2017l.

da atividade de extensão “O CES vai à Escola”. Assim, desde o ano letivo de 2015/16, um grupo de investigadores/as estudiosos/as das Migrações (Carlos Nolasco, Elsa Lechner, Joana Sousa Ribeiro e Olga Solovova), tem vindo a dinamizar sessões dedicadas a este tema em várias escolas do país, sobretudo na Região Centro. Sob o título *A Crise dos Refugiados na Europa e as Mobilidades Transnacionais*, foram já realizadas mais de trinta sessões nas escolas. Este contato com os/as alunos/as do ensino secundário permitiu-nos conhecer as suas inquietações e ideias e o relevante empenhamento dos/as professores/as e escolas na discussão sobre o tema. Uns/umas, assumindo posições a favor, outros/as veementemente contra as dinâmicas em curso, mas todos/as atentos/as ao momento histórico presente.

Em consequência do volume crescente de sessões nas escolas, no âmbito da iniciativa “O CES vai à Escola”, e em função da pertinência do tema em causa, considerou-se que um estágio a oferecer a alunos/as do ensino secundário sobre “o drama dos refugiados”, para além de inevitável, permitiria um trabalho mais completo sobre as múltiplas perspetivas que o fenómeno comporta, implicando os/as estudantes na descoberta das dinâmicas que lhe estão subjacentes. Foram estas razões que determinaram também a apresentação de um programa de estágio no CES intitulado “O Drama dos Refugiados na Europa”.

O estágio foi proposto ao programa Ciência Viva – Ocupação Científica de Jovens nas Férias, da Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, em 2016, tendo como instituição de acolhimento o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. A proposta assentou num formato de diálogo entre os/as alunos/as e investigadores/as de várias disciplinas das ciências sociais e humanidades, voluntárias no terreno (duas portuguesas em missão na Macedónia e na Grécia), o testemunho de um refugiado em Portugal e de um jurista brasileiro que acompanhou refugiados/as na rota do Mar Egeu. O estágio, que decorreu de 27 de junho a 1 de julho de 2016, contou ainda com a participação de cinco jovens estagiários/as, de 16 e 17 anos de idade, provenientes de escolas da Batalha, Coimbra, Lisboa e Viseu.

A Agência Nacional Ciência Viva, que enquadrou a iniciativa, tem como missão promover a cultura científica na sociedade portuguesa para o exercício pleno da cidadania,⁴ visando, dessa forma, contribuir para a criação de uma sociedade com acesso universal à cultura científica, que estimule os/as cidadãos/ãs a usar as suas competências de crítica, comunicação, ação individual e coletiva para lidar com a complexidade do mundo. A proposta de estágio⁵ foi ao encontro da pretensão ao trabalhar um tema de enorme atualidade e complexidade e que desafia tanto as formas de compreensão do panorama político e vida em sociedade na Europa e no mundo, como a ação de cada indivíduo e instituição em cada um dos países implicados.

⁴ Website do programa Ciência Viva, <http://www.cienciaviva.pt/cienciaviva/agencia.asp> [acedido a 29 de agosto de 2016].

⁵ No leque de ofertas do programa de estágios de ocupação de férias para 2016 da Ciência Viva, o estágio “O Drama dos Refugiados na Europa” foi um dos sete estágios, a nível nacional, no domínio científico da sociologia e um dos 306 estágios de todas as áreas científicas. O CES, enquanto associado da agência Ciência Viva, realiza, desde 2006, estágios de verão destinados a jovens do ensino secundário. Importa referir que a colaboração do CES com a Ciência Viva tem passado pela realização de outras atividades, nomeadamente a dinamização de ações que assinalam a Semana da Ciência, traduzindo-se essa colaboração em resultados muito positivos de divulgação científica, em particular na promoção da investigação desenvolvida pelo Centro junto de públicos jovens, conseguindo simultaneamente o envolvimento alargado da comunidade científica. Desde 2006, ou seja, ao longo de 11 anos, realizaram-se no CES 19 estágios (contemplando já os de 2016), abordando áreas tão diversas como: participação cívica, urbanismo, epistemologia, justiça, sociedade digital, nanotecnologias, protesto, famílias, sexualidade, arte, saúde e economia solidária. Em 2016, o CES foi uma das 84 instituições que apresentaram propostas de estágio, num universo em que 98% das entidades foram da área das Ciências da Vida e da Tecnologia.

Os/as estudantes do ensino secundário que frequentaram o estágio que dá conteúdo a esta publicação puderam compreender, com maior profundidade, o fenómeno social e humano em análise, desenvolvendo uma perspectiva cívica e crítica sobre esta temática.

Com espírito de abertura à alteridade implícita na questão dos/as refugiados/as na Europa, o estágio Ciência Viva foi organizado a partir de sessões teórico-práticas complementares entre si e partilhadas entre os/as vários/as intervenientes.

O enquadramento geral do tema e apresentação de dados históricos e estatísticos; definições conceituais; rotas de passagem dos/as refugiados/as; causas destes movimentos populacionais; decisões políticas de receção, acolhimento e realocização de refugiados/as e a forma como este processo tem sido conduzido em Portugal ficou a cargo de Carlos Nolasco.

Uma roda de representações sobre o tema com os/as estagiários/as e a investigadora Gaia Giuliani foi conduzida por Elsa Lechner, na qual os/as estudantes puderam desconstruir ideias pré-concebidas sobre o que é um/a refugiado/a, conhecer as versões identificadas no grupo sobre esta realidade na Europa e no mundo, enquadrar os movimentos de fuga maciços em causa nos contextos mais vastos da geopolítica atual e reconstruir, em grupo, uma nova compreensão sobre o tema. O trabalho em roda oferece, assim, uma coerência teórico-prática em contextos interculturais ou no tratamento de temas complexos, de que é exemplo o tema em análise. Cada participante pode oferecer uma visão ou experiência ao grupo, sabendo de antemão que existe um contrato oral de respeito mútuo e de aprendizagem conjunta. A dinamizadora gere os tempos de fala de cada participante, relançando perguntas e auscultações que, por sua vez, geram debate. Ao longo da roda, ou oficina, as compreensões do tema em questão dão corpo a um diálogo que aporta, a todos/as e cada um/a dos/as participantes, novas informações, ângulos de visão e experiências sobre o assunto “na mesa”.

Neste contexto, o contributo de Gaia Giuliani foi uma mais-valia, como se pode constatar a partir do seu texto publicado neste volume. Giuliani ofereceu aos/às estagiários/as o seu profundo conhecimento sobre a realidade dos refugiados/as no Mediterrâneo, situando os acontecimentos atuais num quadro mais vasto e retrospectivo da imaginação sobre este mar de fronteira entre a Europa dos antigos impérios coloniais e as ex-colónias exportadoras de migrantes e refugiados/as. A sua leitura semiótica deste espaço real e simbólico permitiu aos/às alunos/as aprofundar a consciência histórica e política sobre as complexas relações pós-coloniais em presença. Aqui, as questões de raça, cultura e religião concorrem para a complexidade do tema, exigindo um alargamento temático combinatório dos vários elementos.

Seguiram-se duas sessões sobre discurso, ideologia e poder. A primeira foi ministrada pela sociolinguista Maria Clara Keating, onde foi analisada a dimensão política da(s) língua(s) e do discurso – dos meios de comunicação, do senso comum, das instituições nacionais e supranacionais com responsabilidades nesta matéria –, recorrendo a alguns exemplos veiculados por jornais de diferentes tendências. A segunda, conduzida por Olga Solovova, também sociolinguista, propôs vários exercícios semióticos de interpretação de imagens, fotografias e notícias sobre os/as refugiados/as, permitindo aos/às estagiários/as perceber as *nuanças* da comunicação mediática e suas consequências na formação das mentalidades e discursos. Com estas duas sessões, os/as estagiários/as puderam desbravar o poder das imagens e das informações na formação de opiniões e, assim, aprofundar a consciência sobre a responsabilidade que cada um/a tem na verificação das notícias, na compreensão das realidades conhecidas à distância, na reprodução ou reinterpretção dos discursos dominantes.

Precisamente porque o drama dos/as refugiados/as é um tema que requer, pela sua complexidade, um conhecimento aproximado, de experiência e contacto que nem todos/as podemos ter, este estágio incluiu no seu programa a participação de duas voluntárias, portuguesas que atuaram em campos de refugiados/as na Macedónia e na Grécia, em 2015/16,

bem como o testemunho de um estudante sírio acolhido em Portugal ao abrigo do programa criado pelo ex-presidente da República Jorge Sampaio e de um jurista brasileiro dos direitos humanos que fez a viagem entre a Turquia e a Alemanha junto de refugiados/as a caminho da Europa. Os testemunhos de Ana Perpétuo, Ângela Marques, Nour Machlah e Edgard Raoul, respetivamente, foram momentos de partilha sobre experiências concretas, vividas em trânsito nas rotas da fuga, nos campos de retenção e de refúgio improvisados nas fronteiras da União Europeia e no país de acolhimento que está a ser Portugal para um número crescente de sírios, sudaneses, afegãos, eritreus, entre outros.

O testemunho destes/as quatro convidados/as foi tão edificante no estágio quanto as sessões mais teóricas e académicas oferecidas pela equipa de investigação implicada. Pareceu-nos fundamental trazer esta dimensão testemunhal para a formação, não só porque as situações limite vividas pelos/as refugiados/as são mais realisticamente observadas e conhecidas por quem está no terreno vivendo os acontecimentos, mas também porque os relatos presenciais são mais suscetíveis de transmitir as contradições e o caráter situado dessas experiências que denunciam os limites de normas comportamentais e morais a acontecer numa Europa dita civilizada. Com efeito, sendo o drama destes/as refugiados/as uma realidade do presente, carregada de desafios culturais e civilizacionais radicais, os saberes de experiência e os testemunhos de quem viveu, e vive, situações concretas de fuga, refúgio ou asilo, ou de ajuda a refugiados/as, constituem uma fonte, por excelência, de informação e de construção de conhecimento sobre esta realidade dos nossos dias.

Nesse sentido, as contribuições de Ângela Marques e de Ana Perpétuo, enquanto voluntárias, permitiram dar a conhecer os cenários e os meandros de dois campos de refugiados/as improvisados na Macedónia e na Grécia, ao mesmo tempo que denunciaram aproveitamentos materiais e simbólicos da vulnerabilidade de quem foge por quem é suposto prestar-lhes auxílio. Com efeito, ambas relataram os abusos e cinismos observados junto de quem se propõe gerir o acolhimento aos/às refugiados/as nos referidos campos. Estes dois relatos desvendaram uma realidade cruel do acolhimento institucionalizado, que perverte a situação de crise e de urgência, manipulando – no fundo e finalmente –, a condição das pessoas em fuga em benefício próprio. Aqui, elementares questões de ética, poder, humanidade, ou falta dela, parecem consubstanciar uma contradição reiterada entre o discurso humanitário, os valores políticos da UE e as relações de abuso, ou desrespeito, da dignidade dos/as que dependem dessa ajuda para sobreviver.

Por sua vez, Nour Machlah relatou na primeira pessoa a experiência de um sírio em Portugal, vindo ao abrigo do programa de acolhimento a estudantes universitários. Este estudante de mestrado em arquitetura na Universidade de Évora, que residia no Porto na altura em que realizámos o estágio, aceitou falar da sua experiência movido pela necessidade que sentiu em incentivar o diálogo intercultural, inter-religioso e o respeito mútuo entre portugueses/as e refugiados/as. Foi sobretudo a questão das significativas diferenças culturais entre portugueses e sírios muçulmanos que preencheram o tempo desta apresentação, justificando-se o orador com as inúmeras e surpreendentes perguntas que lhe têm vindo a ser colocadas na sua vida quotidiana em Portugal. Este relato colocou em evidência a densidade do desafio intercultural implícito no encontro entre quem chega e quem é de cá (ou já cá está), ao mesmo tempo que pôs em relevo a responsabilidade de cada um/a na construção de relações sociais harmoniosas entre pessoas de culturas e religiões muito diferentes.

Nour Machlah sentiu-se na obrigação de explicar alguns dos seus costumes e da sua família/comunidade de pertença, dando a conhecer, ao mesmo tempo, a sensação de agressão que sente quando a sua cultura não é reconhecida ou aceite. Mais do que isso, este testemunho trouxe a personificação de um percurso de resiliência intercultural protagonizado por este sírio. O seu contributo para este estágio foi uma pedra angular no âmbito do objetivo maior de todos juntos – sociedade civil, academia, escolas, etc. – contribuirmos para uma convivência

pacífica e respeitadora das diferenças de cada um/a. Obviamente, este esforço é esperado em igual proporção por todos os lados envolvidos.

Por último, o programa do estágio contou com a participação de Edgard Raoul, um jovem e promissor jurista da cidade de São Paulo que decidiu realizar a experiência radical de viajar com refugiados/as, “como se fosse um deles”, para tentar ajudar, mais concretamente na perspetiva da defesa dos direitos humanos. O seu contributo foi extremamente rico, tanto do ponto de vista das informações veiculadas pelos seus relatos/testemunho, fotografias e vídeos, como no que diz respeito aos ingredientes de reflexão que trouxe sobre as ações concretas a desenvolver na defesa de uma ética da dignidade e de adequação das práticas ao Direito vigente.

O seu testemunho revela a “vida nua” destes homens, mulheres e crianças reduzidos/as a corpos em fuga numa Europa em contradição; edifica uma prova da desumanidade que está a acontecer no seio da UE; legitima solidariedades não institucionalizadas e voluntárias e constrói uma narrativa dramática de (re)conhecimento direto das condições existenciais dos/as refugiados/as. O facto de Edgard Raoul não ser um refugiado como os outros, que efetivamente tiveram de fugir da guerra, da perseguição ou da miséria, não retira qualquer mérito à sua ousadia e experiência limite (ele passou pelas mesmas provas de muitos/as refugiados/as na rota entre a Turquia e a Alemanha enquanto os/as acompanhava), mas constitui antes um saber e uma experiência muito válidos do ponto de vista humano e biopolítico. O enquadramento autobiográfico que faz da sua ida para a rota da fuga, em detrimento do prévio aconchego do trabalho num escritório de advogados, em organismos internacionais, e da família no Brasil, dá razão à sua decisão de partir e dá coerência à sua vocação de justiça. Como o próprio diz: não podia ficar sossegado com a discrepância entre as suas preocupações profundas e o desabar do respeito pelos direitos humanos e pela dignidade de tantos e tantas refugiados/as na Europa.

Todos os contributos reunidos nesta publicação foram mobilizados pelo objetivo comum de contribuímos para um enriquecimento da reflexão, debate e ação cívica no domínio deste drama político, social e humanitário que nos desafia a todos/as. Pensamos em particular nas camadas etárias mais jovens, que estão a formar as suas consciências sobre os cenários mundiais e a nossa sociedade, também ela fustigada pelas tendências globais de um sistema económico-financeiro mundial que tende a tratar as pessoas, e sua força de trabalho, como meras mercadorias.

Não é, por isso, possível compreender realisticamente o drama dos/as refugiados/as na Europa sem este enquadramento mais global e histórico das relações entre países e povos diferentes. Assim como também não o é, se ignorarmos as versões das pessoas que vivem na pele as consequências do “sistema”. Por essa razão, se tenta aqui abordar a questão num jogo articulado de escalas (macro, meso, micro), no qual o valor heurístico dos testemunhos se encaixa e dá coerência aos desenvolvimentos teóricos e epistemológicos atuais necessários à concretização das boas intenções. O drama dos/as refugiados/as apresenta um imperativo ético que obriga diferentes disciplinas, diferentes culturas e diferentes religiões a desenvolverem um diálogo respeitoso e profícuo em prol do bem comum.

A estrutura deste volume acompanha, assim, a descrição e a ordem apresentadas anteriormente, designadamente daqueles que aceitaram o desafio desta publicação. Inicia-se com dois textos de enquadramento teórico sobre o tema, seguem-se os vários testemunhos escritos de quem privou de perto com a realidade dos/as refugiados/as. Esta publicação dá ainda voz às reflexões dos/as estagiários/ que aceitaram o repto de deixar por escrito as suas opiniões pessoais sobre o tema debatido no estágio a partir dos trabalhos que realizaram no âmbito desta atividade. O volume compreende ainda um texto de reflexão sobre o tema dos/as refugiados/as no âmbito da atividade “O CES vai à Escola”, de onde partiu a ideia de organizar o estágio.

Este volume combina textos de caráter muito diverso, reunidos com o intuito de contribuir para uma reflexão mais vasta sobre um tema complexo, especialmente junto de jovens estudantes do ensino secundário, assim como de todos/as aqueles/as que se queiram debruçar sobre o tema.

Esta publicação não teria sido possível sem a colaboração de vários intervenientes. Queremos agradecer, antes de mais, a Cláudia Pato de Carvalho e Tiago Pires Marques, coordenador/a no CES dos Estágios Ciência Viva, que proporcionaram as condições para concretização da nossa proposta. Agradecemos aos/às alunos e alunas que vieram até nós para uma semana intensa de trabalho: Cristiana Antunes; Denys Radovych Bezhan; Pedro Costa Marques; Rita Sofia Figueira Santos; Samuel José Moreira Martins. Todos/as participaram empenhadamente nas atividades propostas, tendo alguns contribuído para este volume. A Gaia Giuliani, Maria Clara Keating, Olga Solovova, Ana Perpétuo, Ângela Marques, Nour Machlah e Edgar Raoul Neto agradecemos a disponibilidade e riqueza das suas contribuições nas sessões que dinamizaram e nos textos que escreveram. À Joana Sousa Ribero pelo seu texto sobre as sessões do *CES vai à Escola*. À Ana Raquel Matos pelo minucioso trabalho de revisão deste volume.



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES

Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa

Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

• U



C •

